



BIBLIOTECAS DE FÁBRICA: LITERATURA E UNIVERSO DE LEITURA DE TRABALHADORES

CRISTINA FERREIRA*

História & Leitura em Movimento

Para muitos brasileiros, que na década de 1960 labutam diariamente no chão das fábricas pelo seu sustento e de seus familiares, o golpe civil-militar de 1964 poderia, muito bem, ter passado como apenas mais um episódio da política nacional. Até porque, em várias ocasiões anteriores, testemunharam situações muito semelhantes ocorridas no regime republicano, nas quais a bandeira da legalidade democrática atua como pilar da contenção de crises e arroubos gerados pela forma de governo iniciada a partir da promulgação da Constituição de 1946.

Some-se a isso a valorização, empreendida pelos militares e parte da sociedade civil, da suposta volta da “democracia cristã” como *status* inicial do fato histórico de 1964, dado que implica em uma diferença crucial em comparação à condição de ruptura com a ordem vigente assumida posteriormente, sobretudo porque se torna impossível escamotear a faceta autoritária do regime.

Este momento político da História do Brasil recente, de fato, talvez pouco sentido fizesse para tantos brasileiros que acordavam cedo e se dirigiam ao trabalho. No entanto, a recuperação do modo como atentaram para os acontecimentos então ditos “revolucionários”, pode ser viabilizada por intermédio da análise dos meios de que dispunham para ter acesso a essas e outras notícias. De antemão, pode-se apontar a mídia impressa, sonora ou televisiva, como os possíveis primeiros recursos e, para além dessas formas mais tradicionais de circulação de informações, a divulgação por meio da oralidade também configura interessante trajetória de análise na presente pesquisa.

Fragmentos desta oralidade são passíveis de recuperação em uma vasta quantidade de textos escritos, com diferentes concepções culturais que emergem de gêneros distintos, componentes de um universo imensurável de dados à disposição de historiadores ávidos para

* Doutoranda em História Social pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e professora titular de Pesquisa em História e História do Brasil do Departamento de História da Universidade Regional de Blumenau – FURB <cris@furb.br>.



analisar os movimentos da história. O contato com o mundo da leitura ou da escrita instiga os sujeitos históricos na elaboração de um sistema de valores e crenças vinculados à sua própria experiência como ponto de intersecção, para que possam constituir a si mesmos em termos culturais e sociais e, na sequência, agir e superar, de forma significativa ou não, as limitações impostas pelas circunstâncias em questão.

Por essas e outras razões, este estudo se concentra nas experiências e possibilidades de leitura de trabalhadores. Para tanto, mobiliza estatutos de associações e jornais de igual natureza ou de fábrica como principal documentação, pois são fontes que, dentre outros aspectos de sociabilidade, permitem vislumbrar espaços de leitura como os próprios periódicos, bem como a constituição de Bibliotecas por eles divulgadas. Este conjunto documental localiza-se, respectivamente, no banco de dados do *Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Movimentos Sociais da Universidade Regional de Blumenau – Nepemos-Furb*, que contém estatutos de associações (BANCO DE DADOS – NEPEMOS-FURB); e no *Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS)*, de Blumenau, que salvaguarda os jornais.

Trata-se de um tipo de imprensa vinculada aos trabalhadores, mas não exclusivamente produzida por operários. São periódicos de circulação interna nas principais indústrias têxteis de Blumenau-SC, sobretudo no período de 1964 a 1968 e, em geral, são editados mensalmente. Sua abordagem principal referencia temáticas ligadas aos trabalhadores e sua relação com as várias esferas de poder, tanto empresarial, quanto político. E, ainda que possivelmente tenha sido gestada e programada em períodos anteriores, bem como apresente uma interferência nítida dos patrões, vale destacar seu surgimento no pré-golpe civil-militar de 1964 e duração em média até 1968, momento que impõe restrições e limites às publicações no Brasil e instiga à investigação. Circularam em meio ao clima de censura, por sua vez presente desde o período imediatamente seguinte a abril de 1964, além da vigilância e da perseguição empreendida pelas Delegacias de Ordem Política e Social (Dops) de todo o país (NAPOLITANO, 2004).

Apesar disso, a imprensa de fábrica não pode ser tratada como uma fonte idealizada e produzida com liberdade absoluta por seus autores, pois não retrata o posicionamento dos trabalhadores sem impedimentos ou completamente desatrelados dos patrões. Mas, convém enfatizar que em todas as culturas e sociedades, “a documentação é intrinsecamente



distorcida, uma vez que as condições de acesso à sua produção estão ligadas a uma situação de poder e, portanto, de desequilíbrio” (GINZBURG, 2007: 262).

Temáticas cotidianas do trabalho na fábrica e as vivências nos espaços de sociabilidade constam dentre os assuntos mais explorados pelos colonistas, além disso, os leitores em potencial de livros e jornais também sugerem temas para a pauta, fator que contribui sensivelmente para inferir sobre este universo de leitura dos trabalhadores como campo de possibilidades. A partir dele é possível pensar acerca das fronteiras do permissível, onde se formulam sonhos, desejos e expectativas.

Por isso, o esforço encontra-se na tentativa de mapear as formas de circulação, a tipologia das obras e as preferências bibliográficas desses sujeitos. Afinal de contas, simplesmente “não há pessoas simples” (HOGGART, 1975: 89) e, de uma maneira ou de outra, as personagens históricas acompanham a complexidade de seu tempo. Portanto, trata-se de uma escolha relacionada à clara intenção de conferir aos indivíduos uma função ativa diante das transformações em sua volta.

Esta ação dos sujeitos históricos está inserida na leitura e na literatura como fruto de seu próprio tempo, com personagens que interferem na constituição de uma espécie de cultura autônoma, forjada na dimensão literária. Além disso, o fenômeno literário não ocorre com exclusividade em suportes impressos no formato de livros, mas também por intermédio de outros instrumentos eficientes de disseminação da informação, especialmente no século XX. Exemplo disso são os almanaques, cuja circulação abrange um público amplo, não apenas por conta de sua abordagem diversificada e natureza eclética, mas porque atende às expectativas de leitores, letrados ou não. Por isso, “o historiador de hoje precisa trabalhar com uma concepção mais ampla de literatura, que leve em conta os homens e as mulheres em todas as atividades que tenham contato com as palavras” (DARNTON, 1990: 132).

Tais discussões também estão inseridas no debate sobre as formas de apropriação da leitura que, na atualidade, tornou-se uma questão desafiadora e instigante no campo da História. Reconstituir essas práticas, ainda que minimamente, tem levado os estudiosos da área a dialogar de modo mais aproximado com outros campos das Ciências Humanas e a lançar mão das mais diversas tipologias de fontes, para além de publicações no formato de livros, em atenção a qualquer impresso que circule, em especial periódicos.



É esse mesmo contato com as palavras que possibilitou às pessoas tomarem conhecimento dos acontecimentos que culminaram no golpe civil-militar de 1964, ainda que seus interesses de leitura não fossem convergentes. Outra questão relevante está vinculada ao fato de que, deflagrado o golpe de Estado, pouco se sabia o que viria depois, mesmo entre os militares (REIS FILHO, 2002). Então, porque esperar reações claras e tomadas de posições mais evidentes por parte dos trabalhadores, geralmente desconfiados “dos princípios que ainda não se confirmaram na prática” (HOGGART, 1975: 113)?

Assim, este estudo procura analisar um conjunto de relações e ações que dizem respeito aos trabalhadores urbanos de Blumenau, município de Santa Catarina, na época com pouco mais de 67 mil habitantes (IBGE, 2006) e economia baseada nos setores têxtil, metalúrgico e alimentício que juntos, congregavam aproximadamente 15 mil operários (MAMIGONIAN, 1966). A proposta pretende identificar os tipos de textos impressos acessíveis aos trabalhadores, pois se ainda não é possível inferir mais detidamente acerca daquilo que fazem com suas leituras ou os efeitos desta, pode-se, ao menos, vislumbrar o conjunto de obras disponíveis no universo de suas possibilidades. Em geral este se traduz na forma de jornais e bibliotecas de fábrica, atreladas ao ambiente de trabalho e/ou associativo. Isso porque os estatutos das agremiações às quais os trabalhadores se vinculam previam a criação de tais espaços para estimular o ato de ler entre seu quadro de sócios.

O conceito de *cultura associativa* aplica-se a esta perspectiva de análise na medida em que não reforça a luta de classes exclusivamente, mas dedica especial interesse à ritualística das celebrações da vida associativa, cuja riqueza pode ser um elemento interpretativo que corresponde proporcionalmente à solidez da organização em questão. Os contornos de origem militante são transcendidos e a *cultura* não fica restrita apenas ao teatro, concertos musicais e artes plásticas, mas converge para “as celebrações, os costumes, as normas que regiam as associações operárias” (BATALHA, 2004: 96-7) e – por que não? – também os estímulos à leitura, que os periódicos e as bibliotecas visam congregar. Tal entendimento torna-se primordial para o uso de conjuntos documentais já mencionados: os estatutos do banco de dados do Nepemos-Furb e os jornais de *fábrica* e/ou *associativos*, preservados no *Arquivo Histórico José Ferreira da Silva* (AHJFS).

O levantamento das fontes cartoriais indica o registro de 31 agremiações de caráter *Desportivo e Recreativo* em Blumenau, no período de 1964 a 1974. Este procedimento toma



por base o ano de fundação das agremiações, pois quando da inscrição cartorária torna-se comum o interesse em assinalar a data de surgimento, ainda que eventualmente seus respectivos estatutos fossem registrados anos depois. Sem abolir suas particularidades, em síntese pode-se dizer que visam congregar seus sócios com reuniões de cunho social, cultural e cívico, incremento de práticas desportivas de caráter amador, estímulo à leitura via criação de bibliotecas e proposta para edição de um periódico de circulação interna e distribuição gratuita entre os sócios (BANCO DE DADOS – NEPEMOS-FURB), a exemplo da *Associação Cultural e Esportiva Cremer*, da *Sociedade Desportiva e Recreativa Sul Fabril*, da *Associação Artex, Cultural, Social e Esportiva* e da *Associação Atlético e Cultural Têxtil Hering*, todas vinculadas às indústrias têxteis da região de Blumenau.

No entremeio da fundação e registro dessas associações de fábrica, a sociedade brasileira, imersa desde o início de 1960 numa conturbada agitação político-social, marcada por ideias de Reformas (agrária, educacional, urbana, fiscal-tributária), vivencia um golpe civil-militar que depôs o governo do então presidente João Goulart, em 31 de março de 1964. Desde então se produziu uma série de pesquisas para compreender o fenômeno do autoritarismo no Brasil (GOMES, 1996), cujas temáticas são teorizadas e estudadas no início, quase que “exclusivamente por cientistas políticos e sociólogos e narradas pelos próprios partícipes” (FICO, 2004: 31).

Tudo isso potencializa análises históricas com foco em personagens “comuns” por parte dos historiadores e retira certo grau de obscuridade destes sujeitos, dados a ver por meio de indícios documentais importantes. Exemplo disso encontra-se nas fontes da imprensa de fábrica, as quais possibilitam analisar as formas de sociabilidade dos trabalhadores, com especial interesse em suas práticas de leitura, envoltas na possibilidade de acesso às Bibliotecas e na leitura de jornais diários, almanaques, enciclopédias e literatura brasileira e/ou estrangeira.

Os jornais *de fábrica* e/ou *associativos* abordam assuntos internos da fábrica (humorismo, esporte, curiosidades); política nacional e regional; temáticas femininas, culinária, relações humanas e de trabalho. Vale destacar que o *Radar Sul Fabril*, mais antigo dentre este periódicos, lançado em fevereiro de 1963, também referencia as leituras dos entrevistados no *Álbum da Família*. Com esta coluna é possível extrair parte da experiência dos leitores comuns, no entanto, convém esclarecer sobre a existência de uma série de fatores



que a tornem fugidia. É certo que reconstituir o mundo do mesmo modo que as pessoas o vivenciaram no passado não é possível e que “não podemos traçar os processos mentais durante a leitura. O máximo que podemos fazer é estudar os indícios que remanesceram, dispersos em fontes díspares e nos textos em si” (DARNTON, 2012: 528). Mas, ainda assim, é possível seguir na expectativa de mapear algumas possibilidades de acesso à informação disponíveis aos trabalhadores.

Os depoimentos do *Álbum da Família* demonstram que a maior parte dos entrevistados classifica a leitura como um passatempo, ou seja, como um entretenimento para o tempo livre: Maria Dulce Kunel inclui o hábito de ler como passatempo preferido; Waldir Estevão (depto de pessoal) afirma que em seu tempo livre “lê bastante” (RADAR SUL FABRIL – n. 35, 1965: 3); Lourival dos Santos indica: “Meu passatempo preferido é a leitura. Leio qualquer coisa”; Raulino Busarello, auxiliar de escritório volta à juventude e declara: “A minha mocidade, comecei-a, entre os livros e a catequese... Gosto muito de ler. Se pudesse passaria o tempo todo lendo” (RADAR SUL FABRIL – n. 46, 1966: 3); Alcedina da Silva (corte de malha) é ainda mais ousada e declara: “é à leitura que me dedico quase em todas as horas de folga” (RADAR SUL FABRIL – n. 40, 1966: 3).

As entrevistas são realizadas por meio de perguntas diretas dos entrevistadores, pelo menos quando Lourival A. dos Santos e Ilson Curtipassi são os responsáveis pela coluna (1966-67). Este procedimento indica uma participação oral transformada em escrita pelos autores da seção e permite compreender certas formas de apropriação e gestão da informação por parte dos sujeitos sociais em análise.

As falas do *Álbum da Família* que referenciam o gosto pela leitura demonstram que os trabalhadores também se tornam leitores e atribuem significações àquilo que leem em conexão direta com a elaboração de conhecimentos, base da formação da consciência de si enquanto ser humano atuante em sociedade. Ler, portanto, não é uma atividade meramente receptiva, trata-se de um ato criativo e dotado de vida própria, por isso, sua prática está estreitamente vinculada ao prazer e à satisfação de adentrar em um universo de possibilidades que permite a criação de estratégias múltiplas de leitura de mundo.



O livro é uma vida nas Bibliotecas de fábrica

Em alinhamento com o *Radar Sul Fabril*, os outros periódicos de fábrica também referenciam a importância da leitura. E isso se evidencia no estabelecimento de uma nítida relação com a escrita como guardião de um poder inestimável e responsável por levar o conhecimento à vida do trabalhador, como se pode verificar nas seguintes frases: “Desenvolva a sua inteligência, deleitando seu espírito, lendo um bom livro” (NOTICIÁRIO CREMER – n. 8, 1969: 8); “leitura sadia que eleva o espírito” (INFORMATIVO HERING – n. 9, 1965: 3 e 12); leitura como “alimento do espírito e fortalecimento de ideias” (MENSAGEIRO ARTEX – n. 3, 1968: 2). Para além da questão do “saber é poder”, existe nestas frases uma referência ao ideal de leitura como “alimento do espírito”, proposição que expressa o propósito da aplicabilidade do fenômeno da leitura à vida diária dos sujeitos históricos.

Em alguns artigos esparsos aparecem recados explícitos para cultivar “o hábito de ler, nos seus momentos de descanso. Não apenas romances, mas também obras ilustrativas. Só se conserva na ignorância quem quer. Lembre-se do repetido adágio: ‘O homem que lê vale mais’” (RADAR SUL FABRIL – n. 62, 1968: 8). Está presente aí um ideal de “homem” melhor, qualificado pela leitura, e existe uma insistência em destacar os processos de ler articulados a uma “ilustração”, responsável pelo esclarecimento do leitor perante o mundo.

Portanto, a incorporação dos hábitos de leitura está compreendida como ato capaz de desenvolver nos leitores a possibilidade de absorção de novas ideias para, em última análise, conquistar certa liberdade de pensamento e autonomia. É certo que os efeitos do ato de ler, antes de mais nada, remetem à multiplicidade de variações que o próprio termo “leitura” evoca, sobretudo, porque favorece pensá-lo no âmbito da pluralidade, para retirar qualquer maneira de capturá-lo enquanto um procedimento natural e homogêneo.

Por isso, a atividade criativa da ação de ler pode ser pensada pelo viés educativo e algumas pessoas referem-se aos livros como “mestres portáteis” (NOTICIÁRIO CREMER – n. 25, 1972: 21) ou como prática que ocupa uma “posição inconfundível no desenvolvimento educacional” (MENSAGEIRO ARTEX – s.n, 1975: 4). A possibilidade de conhecimento está vinculada a uma multiplicidade de dimensões, mas a proposta está centrada na união entre cultura geral e instrução.



Nós no mundo dos livros [estamos no] caminho da libertação, pois sabemos que um bom livro traz cultura, e a cultura, liberdade. É preciso ler muito. É preciso escolher a leitura que se lê... Por que a gente lê? Creio que sempre queremos ver mais longe, saber mais. Uns leem por necessidade, outros por prazer. Gostamos de ler porque estamos diante da vida. Na leitura olhamos para trás, no tempo, contemplamos, vivemos o presente e tentamos o mistério do futuro [...]. Lemos porque nos livros nos descobrimos e nos encontramos. O livro é uma vida! (MENSAGEIRO ARTEX – s.n, 1975: 4).

É possível que esta leitura represente uma espécie de passaporte para um mundo diferente, no qual a cultura torna-se sinônimo de liberdade e as escolhas e preferências de leitura podem estabelecer um contato mais consciente consigo mesmo e com a sociedade na qual os trabalhadores estão inseridos. Os livros possuem a característica de atuar no campo das curiosidades e também estão revestidos de uma função educativa, voltados à formação humana, portanto, incorporam e se relacionam com seus projetos de vida.

Além disso, os livros são compreendidos como instrumentos da melhoria espiritual e enriquecimento moral e estão reunidos em bibliotecas, espaços destinados a salvaguardar, ou ao menos reunir, uma imensa riqueza de ideias e experiências, legadas por escritores e leitores que dão vida às obras. Por este motivo é possível dissertar sobre as Bibliotecas à disposição dos trabalhadores da Fábrica de Artefatos Têxteis Artex S/A, da Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A, Sul Fabril S/A e Indústria Têxtil Companhia Hering.

Isso porque, ao longo das edições dos periódicos *fabris* e/ou *associativos* aparecem indícios que, mesmo com a variação das referências sobre a constituição dos acervos, não impedem que se infira sobre estes espaços, pois os sinais e indícios surgem sob a forma de lista de obras, notícias de campanhas de doações de livros, compra de coleções, informações sobre horário ou forma de funcionamento e, até mesmo, pedidos para a devolução de exemplares que, por ventura, estejam de posse dos trabalhadores.

O bibliotecário, na edição de março de 1964 do jornal *Mensageiro Artex*, esclarece aos leitores que o acervo está composto por livros e revistas “culturais e técnicas” e indica: “Como é do conhecimento de todos a ‘Artex’ possui uma Biblioteca para o uso dos operários dentro do horário marcado pelo regulamento interno, que é das 8,30 às 9,00 horas” (MENSAGEIRO ARTEX – n. 3, 1964: 3), cuja consulta ou empréstimo podem ser realizadas neste período estipulado. Até 18 de março de 1968, o espaço funciona no prédio da Artex S/A. e, a partir de então, começa “a atender os empregados em sua nova sede, anexa ao Departamento de Orientação Social” (MENSAGEIRO ARTEX – n. 3, 1968: 2).



Indicativo que permite caracterizar o acervo é a lista publicada em julho de 1964 pelo periódico, com uma relação de títulos que integram a biblioteca (total de 290 livros), dentre os quais clássicos como *A pata da gazela*, *Cinco minutos*, *A viuvinha*, *Dom Quixote de La Mancha*, *Ben-Hur*, *O gato de botas*, *Por quem os sinos doam*, *A volta ao mundo em oitenta dias*, *Cabana do Pai Tomaz*, *O mágico de Oz* e *Fábulas de La Fontaine*. A análise acerca dos títulos em questão, bem como da relação dos trabalhadores com estes livros ainda está em fase de implementação, no entanto, segundo dados dos periódicos que divulgam os títulos mais acessados, dentre as preferências de leitura predominam clássicos da literatura, enciclopédias e coleções ligadas às curiosidades.

O envolvimento dos trabalhadores-leitores com temáticas que incluem informações pontuais sobre uma multiplicidade extensa de assuntos pode ser verificada por meio da presença das coleções *Enciclopédia Prática Jackson* e *Tesouro da Juventude*, ambas publicadas pela W. M. Jackson Inc., originariamente inglesa, mas com sede em São Paulo. A *Prática Jackson*, editada na década de 60, agrega, em quinze volumes, dados sobre administração de negócios; aeronáutica e psicologia; agricultura e pecuária; arquitetura e química; vendas e zoologia; História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea; jornalismo, teatro, cinema e música; literatura latina, grega e americana; matemática e pedagogia; História da ciência e propaganda. A enciclopédia *Tesouro da Juventude*, publicada nos anos 20 e reeditada em 1958 em dezoito volumes, apresenta temáticas de cunho didático-pedagógico para jovens, que são todos instrumentos de certa vulgarização científica, inerentes ao mercado editorial brasileiro na segunda metade do século XX.

As constantes campanhas para aumento e variação do acervo também aparecem e, no mesmo número em que consta a listagem de livros, ocorre o lançamento de uma campanha para enriquecer a biblioteca, cujo saldo de 77 obras seria anunciado no mês seguinte, onde também ocorreria o registro dos doadores até julho: Max Walters, Helmuth Leyendecker, Curt Huscher, Celso Fontes, Lucínio Caresia, José Pereira, Arlindo Zucco, Jacob Scheurich, Sabiano Wiederkehr e Carlos Zadrozny (MENSAGEIRO ARTEX – n. 7 e 8, 1964).

O estímulo às campanhas de doações de livro consta nas chamadas: “ainda é tempo”, “não deixe de doar” e “Já viu os ótimos resultados que trouxe esta campanha, no mês passado?” e, em setembro do mesmo ano, o jornal registra os nomes dos doadores dos meses de agosto e setembro. Ao final publica nota que demonstra o efetivo contato dos trabalhadores



com os livros, pois solicita “aos prezados leitores que não se demorassem com os livros em casa para lê-los. O prazo estipulado é de 15 dias, com direito a renová-lo por mais 15” (MENSAGEIRO ARTEX – n. 9, 1964: 12).

Em outubro de 1964, faz nova menção aos doadores de obras (MENSAGEIRO ARTEX – n. 10, 1964: 12) e, meses depois (fevereiro/1965), repete nota do mesmo gênero que reforça o argumento da circulação dos livros: “Amigo leitor, se você estiver com algum livro da Biblioteca ‘Artex’, atrasado, passando do prazo estipulado, devolva-o o quanto antes, para o devido controle” (MENSAGEIRO ARTEX – n. 2, 1965: 6). Tempos depois, o mensário surpreende seu leitor ao anunciar que o acervo conta com aproximadamente 500 livros na Biblioteca, “diariamente a disposição de todos os empregados”, e mostra-se satisfeito devido ao “interesse por este tipo de assistência, vem se intensificando cada vez mais” (MENSAGEIRO ARTEX – n. 7, 1965: 2).

Embora a Biblioteca “Artex” já existisse desde o início da década de 1960 (MENSAGEIRO ARTEX – n. 3, 1968: 2), esta pesquisa está pautada naquilo que indicam os registros documentais. Portanto, a circulação de livros estende-se de 1964, quando o jornal *Mensagem Artex* anuncia a constituição do acervo de obras, até pelo menos 1974, quando publica a movimentação de livros durante aquele ano (5.771 empréstimos e 1.869 consultas), que em tal circunstância já ultrapassava a quantia de 700 volumes. A preferência recai, respectivamente, sobre *Generalidades e/ou ficção*, *Literatura* e livros sobre *História* ou *Geografia* (MENSAGEIRO ARTEX – n. 3, 1968: 2).

Os trabalhadores da Fábrica de Gases Medicinais Cremer S/A também dispunham de um espaço, para salvaguardar a herança de autores e leitores, denominado Biblioteca “Alwin Schrader” (diretor presidente), localizada na *Associação Cultural e Esportiva Cremer* e oficialmente inaugurada no dia 2 de outubro 1965, segundo o periódico *Noticiário Cremer* (NOTICIÁRIO CREMER – n. 1, 1966: 13). Na ocasião, o jornal anuncia campanha de igual natureza da Biblioteca “Artex”, embora àquela altura já contasse com aproximadamente 750 obras, e apresenta a movimentação dos títulos de janeiro a junho de 1966, em que se verifica a circulação de 1.059 obras e maior empréstimo, respectivamente, de *Contos e aventuras*, *Infanto-juvenil*, *Coleções* e *Romances* (NOTICIÁRIO CREMER – n. 1, 1966: 14).

Em consonância com os editores do *Mensagem Artex*, os responsáveis pelo *Noticiário Cremer* também aludem satisfeitos o aumento da procura por livros na Biblioteca



“Alwin Schrader” e registram: “o interesse por este tipo de assistência, [que] vem se intensificando cada vez mais” (NOTICIÁRIO CREMER – n. 1, 1966: 14). No final de 1966 lançam uma campanha para enriquecimento do acervo, com chamadas aos leitores que possuíssem livros para que não os deixassem atirados pelos cantos: “Doe à Biblioteca que ela dará oportunidade a que outros possam lê-lo!”. O complemento assevera: “Não fique com conhecimentos só para você. Dê oportunidade para seus amigos também possuí-los! Coopere com o ‘Noticiário Cremer’ e doe um livro para a nossa Biblioteca” (NOTICIÁRIO CREMER – n. 1, 1966: 16).

No início do ano seguinte a campanha continua e os trabalhadores leem no jornal: “Livro lido não é livro velho. Ele pode ser útil. Vá à Biblioteca e veja quanto espaço há para mais livros. Faça uma doação do livro que você já leu!” (NOTICIÁRIO CREMER – n. 2, 1967: 14). Dois anos depois, de forma nostálgica relembra e sugere: “Nos primeiros meses de existência de nossa Biblioteca, a procura chegou a alcançar o expressivo número de 300 volumes num mês. Colega Cremeriano – Nossos livros estão à sua disposição. Desenvolva a sua inteligência, deleitando seu espírito, lendo um bom livro” (NOTICIÁRIO CREMER – n. 8, 1969: 8).

Assim, pode-se afirmar que a insistência do *Noticiário Cremer* para que os trabalhadores retomem as leituras junto à Biblioteca “Alwin Schrader” está vinculada à função deste periódico como vetor de sociabilidade e auxiliar da composição, estímulo e manutenção de certa *comunidade de leitores* (CHARTIER, 1994), uma vez que estes últimos são constituintes da materialidade dos livros, pois o sentido do escrito só é efetivado nessa interlocução. A configuração da comunidade de leitores passa pelo cruzamento de informações obtidas na leitura dos jornais de *fábrica e/ou associativos*, combinadas com os livros que alguns trabalhadores consultavam advindos da biblioteca.

No mensário *Radar Sul Fabril*, durante a primeira década de edição, não são encontradas muitas alusões à existência de um acervo considerável de livros. Foi somente no ano de 1974 que o periódico fornece uma pista consistente sobre uma biblioteca sob responsabilidade da *Sociedade Desportiva e Recreativa Sul Fabril* (SDR) que, por existir desde a década de 1950, impossibilita momentaneamente à presente análise, uma fala mais precisa sobre seu surgimento.



De qualquer maneira, com a chamada é “tempo de saber”, onde informa que seu acervo está mais enriquecido “com a aquisição de belíssima coleção de livros, feita pela SDR custando a seus cofres mais de Cr\$ 1.000,00” (CURTIPASSI, 1974: 7), o jornal *Radar Sul Fabril* indica o cumprimento da norma estatutária de “incentivar e estimular a boa leitura através da biblioteca” (BANCO DE DADOS – NEPEMOS-FURB), ainda mais por intermédio da aquisição de livros, “ato significativo, se considerado em termos culturais e econômicos” (DARNTON, 1996: 404).

Além disso, ao afirmar na continuidade da notícia que a obra adquirida “é composta de 12 volumes, em tamanho gigante, em riquíssima encadernação, trazendo ‘Tudo’. Qualquer assunto que você queira pesquisar” (CURTIPASSI, 1974: 7), indica certa preferência dos trabalhadores associados à agremiação por esse tipo de livro, pois do contrário seria improvável a compra da Coleção. Esta pista acaba por endossar os indícios das preferências de leitura como no caso dos usuários das Bibliotecas “Artex” e “Alwin Schrader”, em cujos empréstimos mais frequentes figuram títulos classificados como *Generalidades e Coleções*.

Por fim, mas não menos importante, convém pontuar sobre o início da constituição de um acervo para usufruto dos trabalhadores da Companhia Hering, sócios da *Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering* (AACTH). Já em 1964, o jornal declaradamente associativo, de nome *Informativo Hering*, publica versos de autoria ainda desconhecida, em que considera os livros “Como portas encantadas, / Que levam a lindas terras, / Onde moram anões e fadas. / Lugares longe e tão belos / Aonde eu não podia ir, / Mas, agora, com esta porta, / É só ter cuidado e... abrir” (INFORMATIVO HERING – n. 4, 1964: 7).

Apesar disso, somente em 1970 aparece o reclame pelo anseio da constituição de uma biblioteca própria, porque os editores do periódico entendem que precisam “distribuir, aos nossos associados, aquelas doces consolações que só os livros proporcionam”, mas cientes de que “Não é fácil, em nossos dias, implantar um repositório de tal validade, sabido o quanto custam os livros atuais, ainda mais adquiridos em termos de quantidade e qualidade. Por isso, iniciamos aqui uma campanha entre nossos associados: Dê um livro à sua biblioteca” (INFORMATIVO HERING – n. 2, 1970: 8). Ainda segundo a publicação, os trabalhadores sócios podem participar da campanha tanto pela doação de livros ou, na ausência destes, com qualquer quantia em dinheiro.



Tais circunstâncias demonstram igualmente neste último caso, a busca de enriquecimento ou constituição de um acervo de obras à disposição dos trabalhadores urbanos de Blumenau, para atingir os objetivos estatutários das associações culturais, muitas vezes expressos nos jornais *fabris* e/ou *associativos*. Salvaguardadas as particularidades de uma e outra associação, bem como dos meios utilizados para oferecerem bibliotecas aos trabalhadores, todas parecem uníssonas e certas do “fato consagrado que um país se faz de homens e de livros” (INFORMATIVO HERING – n. 2, 1970: 8), como publicou edição do *Informativo Hering*, ao parafrasear Monteiro Lobato, renomado editor e autor de histórias infantis brasileiro.

De fato, se para o caso de intelectuais, a exemplo do próprio Lobato, que geralmente deixam registros de suas práticas letradas, torna-se difícil perscrutar aspectos sobre os usos e interpretações que fazem do contato com a palavra impressa, a situação não poderia ser adversa na análise das apropriações de leitura dos trabalhadores. No entanto, mesmo ciente dos riscos, cabe uma tentativa de demonstração dessas práticas socioculturais.

Isso porque nas primeiras edições do *Mensagem Artex* ecoam vozes de um tal *Misturador*, responsável pela coluna intitulada *Coquetel de fatos*. O misterioso colunista, atento às conturbações de seu tempo, referenda os altos índices da inflação brasileira e aponta os níveis alarmantes atingidos pelos números no pré-golpe de 1964, como um dos maiores do século XX até aquele momento. Dentre suas críticas, salvaguardado por pseudônimo, o autor trata o governo de João Goulart (1961-1964) como “inapto” e, na sequência, diz que o presidente “fica às tontas diante do flagelo e, vendo o fracasso do pomposo plano trienal do sr. Furtado, [...] volta a insistir nas tais ‘reformas de base’ que nem o sr. Goulart sabe ao certo o que sejam e que de tão sovadas e ‘chatas’ já estão inteiramente desmoralizadas” (MISTURADOR, 1964: 11).

Estes escritos, embora por caminhos tortuosos, remetem ao aspecto do acesso a leituras diversificadas empreendido pelo colunista *Misturador*, de modo a permitir a parametrização de suas opiniões. A situação pode ser analisada sob a perspectiva da própria *experiência humana* – individual ou de grupos sociais –, como um campo relacionado às reações ou respostas mentais e emocionais aos quais estão inseridos. Trata-se de uma espécie de elaboração que aparece “espontaneamente no social, mas não surge sem pensamento.



Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo” (THOMPSON, 1981: 16).

No âmago desta reflexão da experiência como um processo de elaboração pessoal e/ou grupal cabe pensar que, na mesma edição do periódico, o *Misturador* prossegue sua fala e destaca claramente aquilo que entende por “inaptidão do governo federal frente à inflação”. Além disso, sua conclusão é taxativa: “por causa da carestia, vão eclodindo greves e mais greves, quase todas atizadas e garantidas pelo ilegal e subversivo CGT – o famigerado ‘Comando de Greves’, da ridícula minoria comunista, mas todo-poderoso em face do débil e indeciso governo” (MISTURADOR, 1964: 11).

Portanto, a despeito do que se diga sobre os problemas enfrentados por Jango, que assumiu o governo, “sob gravíssima crise militar, com as contas públicas descontroladas” (FERREIRA, 2003: 248), mas que poderia ser considerado um estratégico negociador, essas questões não constituem a opinião do colunista que, naquele momento, sentencia: “tal situação de anarquia nacional, sem que apareça alguém que ‘dê um jeito’ nisso, leva a gente a concordar, mesmo a contragosto, com o falecido Osvaldo Aranha quando certa feita sentenciou: ‘O Brasil é um deserto de homens e de ideias!’” (MISTURADOR, 1964: 11). A postura política do *Misturador* coincide com as apresentadas nos grandes veículos de informação do período, nos quais a responsabilidade de todo o caos econômico recai sobre a suposta falta de requisitos de Goulart para governar o Brasil (ABREU, 2004).

Não se trata de concordar ou discordar do colunista pura e simplesmente, mas apontar para a nítida evidência dos limites da *experiência humana*, sem praticar o reforço destas limitações, porém, com atenção aos modos utilizados pelos sujeitos para alcança-la e/ou produzi-la, diante das escolhas que os homens e mulheres realizam para interceder em sua própria história. História esta que, por sua vez, contou com as possibilidades de acesso às informações por intermédio dos jornais de *fábrica* e/ou *associativos*, bem como por meio da constituição de acervos na forma de bibliotecas, como previam os estatutos das agremiações dos trabalhadores urbanos de Blumenau, irmanados no esforço para a criação de uma comunidade de leitores, reais ou potenciais.



Considerações finais

O estudo das sociabilidades aplicado ao contato com a palavra impressa possibilita compreender a cultura como um espaço múltiplo e insere os jornais de *fábrica* e/ou *associativos*, as bibliotecas e as práticas de leitura, como aspectos e suportes privilegiados da circulação de saberes entre os trabalhadores urbanos das indústrias têxteis de Blumenau. A concepção ampliada de literatura está contida nesta abordagem, pois considera as várias formas utilizadas por homens e mulheres para se relacionarem com textos impressos. As temáticas editadas nos periódicos demonstram as possibilidades de contato dos trabalhadores com as várias esferas de poder (empresarial, associativo, político) e surgem em um período próximo ao golpe civil-militar de 1964, com duração média até 1968, quando iniciam restrições mais intensas às publicações no Brasil.

A força da leitura atribui novos significados à vida cotidiana dos trabalhadores urbanos de Blumenau e representa a importância da circularidade cultural em sua visão de mundo. As fábricas e associações de trabalhadores buscam constituir bibliotecas para usufruto dos operários e o instrumento privilegiado de divulgação são os periódicos *Mensageiro Artex*, *Noticiário Cremer*, *Radar Sul Fabril* e *Informativo Hering*, que incentivam a leitura, noticiam listas de obras, campanhas de doações e compras de livros, por entendê-los como meios para o engrandecimento do espírito humano e geração de autonomia. A composição bibliotecas-jornais de *fábrica* e/ou *associativos* pode ser entendida como vetor de sociabilidades e auxiliar da constituição, estímulo e manutenção de certa *comunidade de leitores* entre os trabalhadores urbanos de Blumenau nas décadas de 1960 e 1970.

Nesta complexa teia na qual os fios de sociabilidades se entrelaçam, a circulação dos impressos está pautada em temáticas de leitura relacionadas às curiosidades, instruções para a vida doméstica/familiar, seções de perguntas e respostas, enfim, saberes enciclopédicos, bem como expressões literárias emanadas destas fontes, a exemplo de contos, poemas e romances de folhetim, pois parecem constituir parte significativa das preferências dos trabalhadores-leitores.

Também é possível vislumbrar rastros das apropriações de leitura acerca dos problemas políticos do Brasil da década de 1960, que *Misturador* não deixa mentir. Embora os hábitos de leitura e escrita do colunista sejam portadores de especificidades não



dimensionáveis, seus dizeres são lidos pelos trabalhadores e, por si só, apresentam-se como indício dos ecos de um conturbado período de um lado e, de outro, também apontam fissuras nas argumentações tendentes a enxergar apenas consentimentos, falta de consciência e silêncio por parte dos sujeitos históricos.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

- ABREU, Alzira Alves. A participação da imprensa na queda do governo Goulart. *Seminário 40 anos do Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- BATALHA, Claudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: _____; DA SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Ed.Unicamp, 2004.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed.UnB, 1994.
- CURTIPASSI, Ilson. Coluna da SDR. In: RADAR SUL FABRIL – Ano XI, n. 138. Blumenau, jul.1974 (AHJFS).
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *O diabo na água benta Ou A arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- Estatísticas do século XX*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006 (cd-Rom).
- FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: _____; DELGADO, Lucília de A. Neves (orgs.). *O Brasil republicano* (v.3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 47, v. 24, p. 29-60, 2004.
- GOMES, Angela de Castro. Política: história, ciência, cultura etc. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 17, v. 9, p. 59-84, 1996.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa: Presença, 1975.



MAMIGONIAN, Armen. *Estudos geográficos das indústrias de Blumenau*. Rio de Janeiro: IBGE e Conselho Nacional de Geografia, 1966.

MISTURADOR (pseudônimo). “Coquetel de fatos”. In: MENSAGEIRO ARTEX – Ano I, n. 1 e 3. Blumenau, jan. e mar.1964 (AHJFS).

NAPOLITANO, Marcos. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p.103-126, jan./jun. 2004.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Coleção “Descobrimo o Brasil”. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SANTOS. Lourival dos. “O álbum da família”. In: RADAR SUL FABRIL – Ano IV, n. 46. Blumenau, out.1966 (AHJFS).

SPINNER, Erica (prof.). Biblioteca escolar. In: INFORMATIVO HERING – Ano II, n. 9. Blumenau, dez.1965 (AHJFS).

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria*. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ZOSCHKE, Wilmar. “O álbum da família”. In: RADAR SUL FABRIL – Ano III, n. 35. Blumenau, dez.1965 (AHJFS).

Documentais:

Banco de dados estatutários do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Movimentos Sociais da Universidade Regional de Blumenau – NEPEMOS-FURB (*Associação Cultural e Esportiva Cremer; Sociedade Desportiva e Recreativa Sul Fabril; Associação Artex, Cultural, Social e Esportiva; e Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering*).

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” (AHJFS), de Blumenau-SC (periódicos): *Mensageiro Artex; Radar Sul Fabril; Informativo Hering; e Noticiário Cremer*.